

Sessão *in memoriam**

António José Avelãs Nunes

Portugal e o Brasil são hoje dois países diferentes. Mas são também diferentes o povo português e o povo brasileiro. É importante que levemos a sério esta realidade, para que o *Portugal português e Brasil brasileiro* possam continuar a ser os lares de dois povos irmãos, que a história une, para o bem e para o mal. As relações políticas, económicas e culturais vêm-se desenvolvendo satisfatoriamente. Mas eu gostaria que este desenvolvimento não pusesse nunca em segundo plano a *comunidade de afecto* que temos sido e que continuamos a ser. Por isso aplaudo, sentidamente, esta celebração dos afectos, que é a essência da Sessão de Homenagem em boa hora integrada no programa do nosso Congresso.

Tenho-me por uma pessoa disciplinada, que respeita as regras estabelecidas pelas organizações em que participa. Desta vez, porém, quero confessar-vos que não resisti a fugir ao mandato, propondo-me dizer algumas palavras de homenagem sobre três – e não sobre dois apenas, como estava previsto – dos fundadores do nosso Instituto.

Um deles está aqui fisicamente, os outros dois estão aqui também connosco, porque os Amigos não morrem dos amigos que se habituaram a respeitá-los e a admirá-los. Mais do que uma sessão *in memoriam*, esta é, pois, uma *sessão de homenagem*.

Todos são Doutores em Direito pela Universidade de Coimbra. Mas um deles, Francisco Amaral, é Doutor Honoris Causa, e eu tive o privilégio de ser seu padrinho (apresentante) na cerimónia solene da imposição das insígnias doutorais, que o confirmou como *um dos nossos*.

Bem haja Francisco Amaral, porque ajudou a criar o Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro e, sobretudo, porque o tem mantido vivo ao longo de mais de duas décadas de convívio pessoal e intelectual entre juristas portugueses e brasileiros. Um certo pudor – que sei ser também marca sua – impede-me de dizer aqui todos os elogios que você merece. Tranquiliza-me a certeza de que todos aqui conhecem, tão bem como eu, as suas qualidades de jurista culto, informado e influente (acaba de sair a 7ª edição do seu *Direito Civil*), o seu profundo sentido de serviço público e as suas raras virtudes de Homem e de Amigo. Os meus elogios pouco

* Congresso Luso-Brasileiro de Cultura Jurídica, Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 2008

acrescentariam, pois, ao elevado conceito que os seus méritos cimentaram junto de quem o conhece. Francisco Amaral é o nosso Presidente. É a nossa referência, porque, seguindo o preceito pessoano, *põe tudo quanto é naquilo que faz*. Todos sabemos quanto lhe devemos, quer pessoalmente quer colectivamente, como portugueses e como brasileiros.

Certo de contar com a sua concordância quanto a esta economia de elogios a seu respeito, lembrarei de seguida dois outros Amigos queridos, tão presentes nas nossas vidas. Refiro-me aos Doutores António Ferrer Correia e Orlando de Carvalho.

Ferrer Correia doutorou-se muito jovem (aos 27 anos), com uma tese pioneira e de qualidade invulgar sobre “Erro e interpretação na teoria do negócio jurídico”. Na esteira de Manuel de Andrade e juntamente com ele, Ferrer foi um dos que contribuíram para a consolidação da “marca de contraste” da Faculdade de Direito de Coimbra, dando “luta aos dogmas”, à “aridez sem horizontes” e ao “formalismo sem ideal” das concepções metodológicas até então dominantes.

Como jurista, ele próprio escreveu que sempre se norteou pelo princípio metodológico de “procurar para cada questão a resposta exacta, para cada dificuldade a solução mais razoável”. Eu direi que este foi, na vida, o lema de Ferrer Correia, como cidadão, como professor, como Reitor da Universidade de Coimbra. E cumpriu-o com sabedoria ímpar, com bom senso exemplar, com rara inteligência, com aristocrática diplomacia, com a consciência clara de que o saber e o conhecimento devem estar sempre ao serviço da vida, ao serviço das causas concretas que constroem a Cidade.

Na sua Universidade, o Doutor Ferrer Correia foi, sem dúvida, um dos mais brilhantes, respeitados e influentes professores do seu tempo. Mas foi também o Amigo dos seus Colegas e dos estudantes de Coimbra, pondo a sua autoridade moral e o seu prestígio intelectual ao serviço das causas em que acreditava e dos valores que defendia. Os que, como eu, viveram os tempos de chumbo do fascismo não esquecem o amparo que receberam do grupo de professores democratas em que se integrava Ferrer Correia, durante as crises académicas de 1962 e 1969.

Em Julho de 1978, Ferrer Correia foi nomeado Reitor da Universidade de Coimbra. No acto da sua tomada de posse, afirmou: “a investidura nas funções de Reitor significa e representa para mim a honra maior da minha carreira universitária”. Exerceu estas funções com a moderação, o bom senso, o equilíbrio e a elegância que foram sempre as marcas do seu comportamento e com a sabedoria com que fazia a escolha dos caminhos para atingir os

objectivos que se propunha. Lutou sempre pela autonomia da Universidade, pela eleição do reitor, pela consagração de mecanismos de gestão democrática na Universidade. Até que as suas ideias foram acolhidas na lei. “A Universidade concebo-a eu como uma ampla comunidade democraticamente estruturada – escreveu Ferrer Correia -, em cuja vida participem activamente os seus três corpos”. Ela “tem como primeiro objectivo o desenvolvimento da personalidade e. logo após, a transformação social”.

Em meados dos anos cinquenta do século passado o saber do jurisconsulto António Ferrer Correia deu uma contribuição decisiva para que a Fundação Calouste Gulbenkian ficasse sediada em Portugal. Em reconhecimento da excepcional qualidade da sua intervenção no processo, Ferrer foi nomeado Administrador da Fundação em Janeiro de 1959. Nesta qualidade, prestou relevantíssimos serviços ao País, permitindo colmatar, em alguma medida, a política obscurantista do Estado Novo, ao mesmo tempo que dava a mão a muitos intelectuais, artistas e cientistas perseguidos pelo salazarismo. Chegou depois à presidência da Fundação. E também no exercício destas elevadas funções ele deixou a marca das suas excepcionais qualidades de carácter, da sua cultura humanista e da sua visão larga do mundo.

Atingido o limite de idade, Ferrer Correia teve de cessar as suas funções de Reitor. A Universidade e a Academia de Coimbra designaram-no *una voce* Reitor Honorário.

Em síntese: António Ferrer Correia foi um investigador do mais fino quilate, foi um professor amado pelos seus alunos, foi um universitário, mestre e modelo de universitários.

Tentarei agora resolver a quadratura do círculo: lembrar, em breves palavras, um outro Amigo, o Doutor Orlando de Carvalho.

Personalidade fortíssima, Orlando de Carvalho foi um homem de excessos. Ele próprio o reconhece, com o rigor implacável que o caracterizava: “Fui a virtude e fui pecado e crime”.

“Sou basicamente um homem de letras, definiu-se ele. Fui para Direito cedência e tive a desgraça de ser bom aluno. Se assim não tivesse acontecido, seria hoje certamente diplomata de carreira e faria poemas”. Pois bem. Orlando de Carvalho teria sido bom aluno – e provavelmente teria seguido a carreira universitária – qualquer que tivesse sido o curso escolhido. E a verdade é que ele foi um jurista de excepção. E foi um requintado homem de letras. E foi, como homem de cultura, um verdadeiro príncipe do Renascimento. E fez poemas, poemas de grande qualidade. Só não foi diplomata de carreira. Creio mesmo que não tinha muito jeito para os jogos diplomáticos.

Orlando de Carvalho foi das pessoas mais inteligentes que conheci e foi uma das pessoas que mais admirei ao longo dos anos de convívio diário, na Universidade e fora dela, nas tertúlias, no Clube de Cinema de Coimbra, na acção cívica e política. Foi professor dentro das salas de aula da sua Faculdade de Direito de Coimbra e em várias outras, em Portugal e no estrangeiro, nas quais deu aulas e proferiu conferências. Foi um professor de excepcional brilho, todos reconhecendo nele a chama do génio e dotes oratórios que raramente se encontram. As suas aulas maravilharam sucessivas gerações de alunos, que assim compensava do elevado nível de exigência que punha na avaliação de conhecimentos.

Frequentemente, os seus Colegas e Amigos lamentavam que a dispersão pelos seus múltiplos centros de interesse não lhe deixasse o tempo necessário para escrever mais sobre os temas da sua investigação como jurista. Mas a verdade é que, feito o balanço das suas publicações jurídicas, Orlando de Carvalho deixou milhares de páginas escritas sobre temas de Teoria Geral do Direito Civil, Direito das Coisas, Direito Comercial, Direito das Empresas, Direito do Trabalho, Direito Administrativo e Direito Constitucional, Teoria do Direito. São trabalhos que muitas vezes fizeram ruptura com os saberes estabelecidos, abriram novos caminhos à investigação e inspiraram a reflexão de outros, trabalhos sempre escritos numa linguagem rigorosa, primorosamente trabalhada, de apurado gosto literário.

Mas Orlando de Carvalho não foi apenas um jurista de primeira água. Foi também, para muitas gerações de estudantes (entre as quais a minha, apesar de nunca ter sido seu aluno), um Mestre da arte de pensar, um exemplo de atitude crítica, um Mestre de cidadania, oferecendo o seu saber multifacetado, os seus dotes literários, os seus conhecimentos artísticos nas iniciativas culturais da academia de Coimbra, animando colóquios, proferindo conferências, apresentando filmes e peças de teatro, dizendo poesia. E como dizia bem os poemas de Camões, de José Régio e de Florbela Espanca! E como dizia Lorca em castelhano! E Dante e Salvatore Quasimodo em italiano! E dizia primorosamente, em francês impecável, os grandes poetas franceses! E declamava em alemão Goethe, Rilke e Schiller! Sempre de cor, sem um papel! A sua cultura excepcional e estimulante marcou as tertúlias que animou, nos cafés, nas repúblicas de Coimbra, em sua casa ou em casa de amigos.

Para quem o conheceu, Orlando de Carvalho foi um exemplo de coragem moral e de coerência política, o que lhe valeu, por duas vezes, a prisão pela polícia política. Ele foi Abril antes de Abril! Depois da Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974), pertenceu ao primeiro Governo que se seguiu à Revolução. Mas a sua indomável heterodoxia (católico e marxista, como tantas vezes

dizia) não lhe facilitou uma carreira política. Abandonou cedo a vida política activa, embora continuando presente na intervenção cívica, como universitário e como cidadão. Parafrazeando um verso seu, terminarei dizendo que Orlando de Carvalho foi um homem que, *por entre ventos e marés*, se manteve *de pé, anos e anos!*

Tenho a certeza de que ele está aqui, de pé, ao nosso lado.